

PATRIMÔNIO CULTURAL: UMA POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO
HISTÓRICA NO ÂMBITO DO ENSINO
CULTURAL HERITAGE: A POSSIBILITY OF A HISTORICAL
INTERFERENCE ON THE SCOPE OF TEACHING

Luciana Rodrigues Veleda*

André Luiz Portanova Laborde*

RESUMO

O ensino de História requer aprofundamento teórico e didático pedagógico para a consolidação de sua ação no espaço da sala de aula. Por isso tentamos aproximar a instância do patrimônio Cultural a essa atmosfera que agrega a educação. É percebendo os espaços, físicos e simbólicos é que vamos poder propiciar a reflexão em torno do tempo histórico. Os conceitos de cultura e patrimônio também são tópicos que nortearam o trabalho ao longo de sua construção. Esses são os movimentos que cristalizam o projeto de pesquisa que visou fundir as duas áreas para difundir o saber através de uma perspectiva sócio-histórica e o contexto educacional em suas instâncias do ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio, História e Educação.

ABSTRACT

Teaching of History requires a serious theoretical and didactic-pedagogical study to consolidate its activity within the classroom. Therefore we suggest approximating Cultural Heritage to this atmosphere that aggregates to education. It is by being aware of the area, physical and symbolic

* Acadêmica do Curso de História Bacharelado da Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Colaboradora do Centro de Pesquisa de História Social e Cultural (CEPEHSC) e do Grupo de Pesquisa em História Antiga - GPHA da mesma Instituição Federal de Ensino Superior

* Coordenador do Grupo de Pesquisa em História Antiga – GPHA da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

that we can think about the historical period. The concepts of culture and heritage are also topics that guided the work along its building.

Those are the actions that crystallize the project of research which aimed the merge of the two areas to spread knowledge through a socio-historical view and the educational context in its instances of teaching-learning.

KEYWORDS: Heritage, History and Education

INTRODUÇÃO

O presente artigo tratará sobre a temática central focada no Patrimônio Cultural, ou seja, o patrimônio cultural é formado por bens de natureza material e imaterial, tomadas individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico”.

Entretanto buscaremos refletir, sobretudo a possibilidade do uso desta intervenção histórica no âmbito educacional. Para tal, utilizaremos como base o texto da Professora Maria de Loudes Parreiras Horta, tendo em vista seus estudos formação na área de abrangência que se propõem o presente trabalho. A Professora Maria de Loudes Horta é Museóloga, Doutora em Museologia pela Universidade de Leicester, UK e Diretora do Museu Imperial, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) do Ministério da Cultura. Por este motivo iremos discutir acerca do ensino de História atrelado ao conhecimento que emerge a respeito do Patrimônio cultural, bem como do conceito de cultura.

PERCEBENDO A ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICA: CAMINHOS TEÓRICOS

Nosso ponto de partida é a perspectiva sócio-histórica, tendo como alicerce o materialismo histórico-dialético que aqui está representado por Vygotsky. A intenção nesse momento é destacar a importância dessa abordagem para melhor entendermos o contexto da cultura enquanto categoria fundamental para o entendimento do estudo.

Essa perspectiva baseia-se na tentativa de superação de reducionismos que permeiam a psicologia. Dessa forma iremos discorrer sobre a contribuição de Vygotsky procurando direcionar o foco da discussão e percebendo sua contribuição teórica.

Dentro da perspectiva sócio-histórica de desenvolvimento [...] a consciência é cunhada na vida social, dado que as formas culturais de organização do ambiente fornecem aos indivíduos que nele estão imersos os meios (conhecimentos, técnicas e instrumentos) e os motivos para as suas ações. Estas, portanto, devem ser apreendidas na interface dos motivos presentes nas experiências diárias dos indivíduos. (OLIVEIRA, 1999: 41).

A partir daí, visualizaremos o palco de possibilidades para estabelecermos de vez o lugar da cultura nesse processo de absorção simbólica. Antes disso, devemos perceber que será através da mediação¹ que resultam as concepções² de Vygotsky acerca do funcionamento psicológico que está diretamente relacionado para a inserção da cultura nesse contexto.

¹ *Mediação*: uma idéia central para a compreensão de suas concepções sobre o desenvolvimento humano como processo sócio-histórico é a idéia de *mediação*: enquanto sujeito do conhecimento o homem não tem acesso direto aos objetos, mas acesso mediado, através de recortes do real. Operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe, portanto enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações, ou seja, o conhecimento não está sendo visto como uma ação do sujeito sobre a realidade, assim como no construtivismo e sim, pela mediação feita por outros sujeitos. *O outro social* pode apresentar-se por meio de objetos, da organização do ambiente, do mundo cultural que rodeia o indivíduo.

² *As concepções de Vygotsky sobre o processo de formação de conceitos* remetem às relações entre pensamento e linguagem, à questão cultural no processo de construção de significados pelos indivíduos, ao processo de internalização e ao papel da escola na transmissão de conhecimento, que é de natureza diferente daqueles aprendidos na vida cotidiana. Propõe uma visão de formação das funções psíquicas superiores como internalização mediada pela cultura.

As concepções de Vygotsky sobre o funcionamento do cérebro humano, colocam que o cérebro é a base biológica, e suas peculiaridades definem limites e possibilidades para o desenvolvimento humano. Essas concepções fundamentam sua idéia de que as funções psicológicas superiores (por ex. linguagem, memória) são construídas ao longo da história social do homem, em sua relação com o mundo. Desse modo, as funções psicológicas superiores referem-se a processos voluntários, ações conscientes, mecanismos intencionais e dependem de processos de aprendizagem.

Nesse sentido, podemos destacar que a atividade humana é dada substancialmente pela relação mediada que tem por objetivo, proporcionar a autonomia. Assim já somos capazes de aproximar a atmosfera cultural do nosso mote de análise.

O ser humano, dentro dessa perspectiva, se apresenta em seu processo de formação através da atividade de internalização, ou seja, envolvendo uma atividade externa que deve ser modificada para tornar-se uma atividade interna, é *interpessoal e se torna intrapessoal*. Por isso que legitimaremos a cultura como partícipe dessa ação cujo desenvolvimento humano faz parte.

Outro destaque importante na abordagem é a questão do aprendizado. A aprendizagem é fundamental ao desenvolvimento dos processos internos na interação na relação com outros indivíduos. Pois, propicia vislumbrarmos o ambiente e a sua influencia à internalização das atividades cognitivas no indivíduo, de modo que, o aprendizado conduza ao desenvolvimento. Portanto, o desenvolvimento mental somente realiza-se por intermédio do aprendizado.

[...] se existe um nascimento cultural deve existir também, [...] um hipotético momento zero cultural. A razão é simples: se as funções culturais têm de se 'instalar' no indivíduo é porque elas ainda não estão lá, ao contrário do que ocorre com as funções biológicas que estão lá desde o início da existência, nem que seja de forma embrionária. (PINO, 2005:47)

As relações entre as esferas biológicas e culturais irão nortear a grande discussão que a perspectiva sócio-histórica se propõe discorrer sobre o fenômeno que justifica a formação do ser humano. Entretanto, para elucidar esse fenômeno não poderíamos deixar de mencionar o papel da linguagem³.

A linguagem assume um papel de suma importância para relacionarmos ao papel da cultura. Segundo Susana Molon, “as relações sociais impõem novas formas de mediação, dependentes da cultura em que estão inseridas” (2005:94).

³ A linguagem, sistema simbólico dos grupos humanos representa um salto qualitativo na evolução da espécie. É ela que fornece os conceitos, as formas de organização do real, a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. São por meio dela que as funções mentais superiores são socialmente formadas e culturalmente transmitidas, portanto, sociedades e culturas diferentes produzem estruturas diferenciadas.

Dessa maneira, percebemos na linguagem (e pensamento articulados) uma ferramenta que possibilita o intercâmbio social e, este é inexoravelmente subordinado a cultura. Também reconhecemos que as mediações se realizam através de mecanismos culturais que estão sempre atrelados aos domínios dos signos.

Portanto, essa breve apresentação de alguns tópicos enfocados pela perspectiva sócio-histórica, esclarecem os rumos da nossa análise em torno do lugar da cultura para a formação do ser humano. Mas, agora será preciso perceber o papel dos signos nessa relação para que se encaminhe uma discussão mais séria sobre essa problemática de estudo, vimos que existem diversos componentes que nos pressionam a buscar no ensino do patrimônio atrelado a História, elementos que ratificam as explicações propostas por Vygotsky.

É obvio que Vygotsky sublinhou teoricamente, o papel da cultura, porém o que se anseia ainda é poder extrair do momento de tensão que o conceito de cultura possa nos oferecer enquanto enfoque investigativo.

O FUNDAMENTO CULTURAL COMO PERCURSO INVESTIGATIVO

Etimologicamente falando, cultura⁴ é o conjunto de manifestações humanas que contrastam com a natureza ou comportamento natural. Em contrapartida, para a biologia uma cultura é normalmente uma criação especial de organismos (em geral microscópicos) para fins determinados.

No cotidiano das sociedades civilizadas e no vulgo costuma ser associada à aquisição de conhecimentos e práticas de vida reconhecidas como melhores, superiores, ou seja, erudição; este sentido normalmente se associa ao que é também descrito como “alta cultura”, e é empregado

⁴ Cultura (do latim *cultura*, cultivar o solo, cuidar) é um termo com várias acepções, em diferentes níveis de profundidade e diferente especificidade.

apenas no singular (não existem *culturas*, apenas uma *cultura* ideal, à qual os homens indistintamente devem se enquadrar).

A antropologia percebe a cultura como o total de padrões aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano. Segundo a definição pioneira de Edward Burnett Tylor, sob a etnologia (ciência relativa especificamente do estudo da cultura) a cultura seria o complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, morais, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

Portanto corresponde, neste último sentido, às formas de organização de um povo, seus costumes e tradições transmitidas de geração para geração que, a partir de uma vivência e tradição comuns, se apresentam como a identidade de determinada população.

A principal vantagem da cultura é o chamado *mecanismo adaptativo*: a capacidade de responder ao meio de acordo com mudança de hábitos, mais rápida do que uma possível evolução biológica. O ser humano não precisou, por exemplo, desenvolver longa pelagem e grossas camadas de gordura sob a pele para viver em ambientes mais frios – ele simplesmente adaptou-se com o uso de roupas, do fogo e de habitações.

A evolução cultural é mais rápida do que a evolução biológica. No entanto, ao rejeitar a evolução biológica, o indivíduo torna-se dependente da cultura, pois esta age em substituição a elementos que constituíam o ser humano; a falta de um destes elementos causariam o mesmo efeito de uma amputação ou defeito físico.

Além disso a cultura é também um *mecanismo cumulativo*. As modificações trazidas por uma geração passam à geração seguinte, de modo que a cultura transforma-se perdendo e incorporando aspectos mais adequados à sobrevivência, reduzindo das novas gerações.

[...] o conceito de cultura ao qual eu me atenho não possui referentes múltiplos nem qualquer ambigüidade fora do comum, segundo me parece: ele denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporando em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens

Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 1, p. 181 a 193, jan./jun. 2009

comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação a vida. (GEERTZ, 1978:103).

O conceito de cultura encaminhado por Clifford Geertz, nos oferece uma emblemática explicação. É essencialmente semiótico, reconhece o ser humano por um animal atado a amarras de significados tecidas por ele mesmo. Enfatiza que a cultura é pública porque o significado também o é.

Um dos pontos de convergência entre Geertz e Vygotsky é entender a cultura como processo Histórico, convertendo também o desenvolvimento cultural à evolução da mente. A atividade mental é que determina fundamentalmente, a maneira como o ser humano encara seu mundo circundante.

A partir daí, podemos pensar que as dimensões simbólicas da ação social⁵, são as ferramentas essenciais para a análise antropológica acerca da cultura. As estruturas que irão decodificar esses símbolos são as representações de mundo que a relação eu-outro vão, em realidade, absorver a respeito dessa mediação.

Percebemos que a psicologia social anda de mãos dadas com a antropologia, pois, ambas agregam elementos de comunhão em trono do indivíduo. A primeira mais voltada ao processo de internalização, e a segunda aos papéis propostos pelas formas simbólicas.

[...] Geertz deixa claro que cultura a cultura é, para ele, um ‘conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento’ ou ‘sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas. (PINO, 2005:86).

Reconhecemos então, que os sistemas culturais propiciam elos entre os indivíduos, os quais são intrinsecamente capazes de tornarem-se aquilo que realmente representam. A dimensão simbólica da natureza humana está imbricada no binômio biológico e cultural, onde a antropologia insinua o preceito da interpretação.

⁵ A arte, a religião, a ideologia, a ciência a lei senso comum são algumas categorias de ação social configuradas pelo sistema cultural.

PATRIMÔNIO CULTURAL: UMA POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO HISTÓRICA NO ÂMBITO DO ENSINO

O investimento em educação voltada ao reconhecimento do patrimônio constrói um conjunto de significados para o estudante, que no seu entendimento pessoal do espaço onde vive e mesmo do mundo, consegue um entendimento sócio-cultural proporcionando um melhor conhecimento em torno de sua cidade.

A educação patrimonial é um tema ausente ou pouco comum na atual agenda do ensino básico e médio brasileiro. Isso também é resultado de uma conjuntura que impõe dificuldades ao que, em última instância, chamamos de “cultura brasileira”.

A cultura inclui conhecimentos, construções arquitetônicas, artes, moral, leis, costumes, hábitos e qualquer outra manifestação que expresse a vida de um povo. Essas manifestações são, em verdade, a própria identidade de uma sociedade e exprimem sentimentos comuns que manifestam singularidade, o que por si só, abarca indiscutível valor humanístico.

Não se trata apenas de legislação específica e verbas, ou da sua ausência, mas da consciência histórica que permite valorizar e preservar a cultura material (CAMARGO, 2002) e a memória da nossa sociedade e de outras que nos precederam em nível local, regional ou nacional.

Estudiosos de vários países e órgãos como a UNESCO já demonstraram com muita ênfase que a preservação do patrimônio cultural depende, principalmente, do conhecimento e de uma educação voltada à compreensão e valorização da diversidade.

A educação patrimonial é um método constante e ordenado de construção em torno de tarefas educacionais situado no âmbito patrimonial, assim ela é fonte primordial de informação e engrandecimento pessoal e coletivo.

[Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 1, p. 181 a 193, jan./jun. 2009](#)

Tomamos como ponto de partida, as culturas materiais e imateriais do patrimônio cultural para a atividade de ensino utilizando-os para explorar todas as formas de questionamentos acerca do estudo.

Só então através dessa investigação dos fenômenos culturais podemos ampliar este estudo com outros dados de informação, “artigos, textos, livros e revistas”, ampliando seu conhecimento e seus questionamentos.

Utilizando os questionamentos e a aproximação com a cultura material e imaterial em todas as suas expressões, sentidos e manifestações, a educação patrimonial poderá levar junto ao indivíduo uma assimilação e a valorização de sua cultura, formando no indivíduo uma consciência para o patrimônio sua conservação e preservação. Para que ele possa se utilizar sua cultura para adquirir novos conhecimentos e também uma nova cultura.

A aproximação dessa cultura permite ao indivíduo participar de experimentos iguais aos dos profissionais da área como arqueólogos, historiadores e cientistas. Estes analisando seus materiais podem chegar a teorias e conclusões que poderiam ser sustentadas com essas experiências.

O exercício da educação desta metodologia de investigação é uma das primeiras habilitações que se pode estimular nos alunos, desenvolvendo suas habilidades de investigação e observação assim como de analisar, comparar, deduzir e formular teorias acerca dos elementos estudados e questionados.

*(...) A Educação Patrimonial consiste em **provocar situações de aprendizado** sobre o processo cultural e, a partir de suas manifestações, despertar no aluno o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida, pessoal e coletiva. O patrimônio histórico e o meio ambiente em que está inserido oferecem oportunidades de provocar nos alunos sentimentos de surpresa e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles. Nesse sentido podemos falar na “**necessidade do passado**”, para compreendermos melhor o “presente” e projetarmos o “futuro. (...) (HORTA, 2000: 25).*

A assimilação e seu conhecimento geram na comunidade um instinto de preservação desses bens, eles se sentem parte desse patrimônio e criam sentimentos de identidade e cidadania.

Esse patrimônio que foi transmitido por nossos antepassados só passa a ser nossa, para ser aproveitada, quando surge um sentimento de aproximação “quase de posse”, quando reconhecermos que isso nos foi passado e devemos transmitir aos nossos descendentes.

Uma herança que nos foi legada, e deve ser mantida, pois são nossas riquezas culturais, individuais e coletivas, é a nossa memória, a identidade de um povo, herdeiros de uma cultural rica e múltipla.

O entendimento dos elementos que compõem essa rica herança, provenientes de diversos grupos sociais e culturais, forma a cultural nacional. O conhecimento e entendimento desta diversidade assim como dessa multiplicidade de expressões gera o entendimento das manifestações em suas diversas formas e manifestações.

Isso leva ao indivíduo a percepção dessa diversidade contribuindo para uma valorização, tolerância e respeito pelas diversidades culturais do seu país. Também gera no indivíduo uma noção de que existem outros povos e outras culturas bem diferentes das suas fazendo com que ele respeite e aprecie estas outras culturas.

O diálogo permanente que está implícito neste processo educacional estimula e facilita a comunicação e a integração entre as comunidades e os agentes responsáveis pela preservação e o estudo dos bens culturais, possibilitando a troca de conhecimentos e a formação de parcerias para a proteção e valorização desses bens.

(...) A Educação Patrimonial pode ser assim um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao desenvolvimento da auto-estima dos indivíduos e comunidades, e à valorização de sua cultura, como propõe Paulo Freire em sua idéia de “empowerment”, de reforço e capacitação para o exercício da auto-afirmação. (...) (HORTA, 1999:6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação patrimonial pode usar um método específico a qualquer evidência material ou imaterial das manifestações culturais, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, e qualquer outra expressão resultante da relação entre os indivíduos e seu meio ambiente.

Um processo de ensino-aprendizado sensível às questões referentes à identidade cultural (MARTINS, 2001) deve se preparar para a formação de seres humanos que sejam capazes de conhecer a sua própria história cultural, além de estimular nas crianças a prática saudável da reflexão histórica. Nesse sentido, o ensino de história possibilita, desde as primeiras fases do processo de aprendizado, a apreensão das noções de cidadania e responsabilidade social e conseqüentemente o processo de constituição da personalidade de cada indivíduo.

Esse processo faz parte de uma política cultural que é construída nos cruzamentos das diferentes demandas sociais que permeiam a sociedade (MARTINS, 2006). Nesse contexto, a cultura é um espaço privilegiado que nos permite, de forma crítica, trabalhar nos contrastes, nas diferenças para possibilitar aos sujeitos desse processo rever-se, e nesses espelhos se entenderem individual e coletivamente. A política cultural é sempre um ato de iluminação, de transformação. Não é um processo de contemplação ou de afirmação de uma situação dada, mas de enfrentamento: é a criação de espaços sociais de construção de cidadania, de participação, de libertação.

O principal objetivo da educação responsável deve basear-se no esforço em auxiliar os estudantes na elaboração do conhecimento histórico, na investigação da realidade, refletindo a

respeito de sua ligação com um passado mais distante, buscando compreender a historicidade das representações culturais, ou seja, um ensino de história voltado para sujeitos históricos deve propiciar um conhecimento mais amplo da realidade em que vivem.

Estes alunos usaram suas capacidades mentais para adquirirem opinião e aptidão, assim como para o uso dessas opiniões e aptidões na prática, ou em sua vida e até mesmo no processo educacional. Essa aquisição é reforçada pelo uso dessas opiniões e aptidões, o que leva à aquisição de novas habilidades e idéias.

O conhecimento do passado estimula-nos a entender e avaliar o estilo de vida e as dificuldades enfrentadas pelos que nos precederam, os desenredos por eles encontrados para encarar esses desafios, e compará-las com as alternativas encontradas hoje, para os mesmos desafios.

Podemos facilmente comparar essas soluções, debater as causas e suas origens, identificando e projetando as soluções ideais para o futuro, num exercício de crítica e de cidadania.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Haroldo Leitão. *Patrimônio Histórico e Cultural*. São Paulo: Aleph, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. RJ: Zahar, 1978.

HORTA, Maria de Lourdes P., GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial. 1999.

HORTA, Maria de Lourdes P. Fundamentos da educação Patrimonial. **IN:** *Revista Ciências & Letras*. Porto Alegre: FPAECL, n. 27, jan/ jun. 2000.

MARTINS, Clerton. *Patrimônio Cultural: da Memória ao Sentido do Lugar*. São Paulo: Roca, 2006.

MARTINS, Maria Helena Pires. *Preservado o Patrimônio: e Construindo a Identidade*. Rio de Janeiro: Moderna, 2001.

PINO, Angel. *As marcas do humano às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de lev. Vigotski*. SP: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. *Interações sociais e desenvolvimento: A perspectiva sociohistórica*. Campinas: Cadernos Cedes, 1999.